



ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR – SOCULTURAS
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Recredenciado pela portaria do Ministério da Educação nº1.520, publicado no D.O.U. em 26 de dezembro de 2016

ISSN – 2317-2487

Θ ϕ

REVISTA

TEÓFILO

MARIA, IMAGEM DO NOVO HUMANISMO

Gloria Josefina Viero*

1 INTRODUÇÃO

Em cada *novo* que o Espírito suscita na história, a Igreja invoca Maria: Mãe do *novo* Povo de Deus, Imagem da *nova* Igreja, Estrela da *nova* evangelização... E em nosso tempo, a *Mulher sempre nova* nos desperta para que o *novo humanismo* siga o *grito da terra e dos pobres* (LS 49), fazendo com que “esse novo não seja apenas pintado de novo, remendado às pressas; mas novo nas sementes do vir-a-ser; novo até no coração das coisas menos percebidas” (C. Drummond de Andrade).

2 BUSCA POR UM NOVO HUMANISMO

Uma necessidade histórica. As coisas não andam bem no mundo, onde há tantas pessoas feridas na sua dignidade e onde explodem tantas guerras sem sentido e há tanta violência fratricida; onde o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante (Cf. Papa Francisco, 9/7/2015). É a crise de uma sociedade que colocou acima de toda a realidade e do próprio ser humano a razão técnica, que pôs o antropocentrismo moderno contra o próprio ser humano (LS115-121). É a *civilização desorientada* em busca de um novo humanismo. “A necessidade de um novo humanismo é gritada por uma sociedade sem esperança, abalada nas suas certezas fundamentais, empobrecida por uma crise que, mais do que econômica, é cultural, moral e espiritual” (Cf. Papa Francisco, 19/5/2014).

Um apelo evangélico. A Igreja nos convida a notarmos o surgimento de um novo humanismo em *Gaudium et Spes* n. 55: “...Testemunhamos o nascimento de um novo humanismo, no qual o homem se define acima de tudo pela sua responsabilidade para com seus irmãos e para com a história”. Das dores e alegria desse nascimento somos chamados a participar, no compromisso com o Evangelho, a *Palavra maiêutica* (Queiruga) que na história

* Doutora em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Endereço eletrônico: gloriaviero@gmail.com

nos faz nascer em Cristo, o Homem novo. Com efeito, a Igreja proclama que uma nova evangelização pode fazer surgir um novo humanismo:

De uma nova evangelização do social pode derivar um novo humanismo e um renovado empenho cultural e projetivo. Essa ajuda a destronar os ídolos modernos, para substituir o individualismo, o consumismo materialista e a tecnocracia, com a cultura da fraternidade e da gratuidade, do amor solidário. (Bento XVI, 3/12/2012).

3 JESUS CRISTO, O HOMEM NOVO

Somente em Jesus Cristo o ser humano descobre a própria identidade e vocação (cf. GS n. 22). Nos Evangelhos, podemos “verificar” por nós mesmos o ser humano verdadeiro, o Homem novo proclamado por São Paulo.

Jesus, epifania de Deus, constitui a mais autêntica existência do ser humano diante de Deus e ao lado do seu semelhante. Com seu estilo de vida, coloca diante de nossos olhos o que é uma existência humana autêntica: espírito filial, que une sem tensões a adoração e a plena confiança; alegria de viver que não foge das dificuldades, e coragem que jamais se converte em ódio; fraternidade como estilo e amor como norma suprema; comunhão com todos, sem cair em qualquer armadilha, porque sempre e sem vacilação se situa com os pobres e os marginalizados, com os doentes e os humilhados e ofendidos. Jesus é relação filial com o Pai e acolhida em pessoa dos outros, dos pecadores e dos marginalizados¹; também é em plena harmonia com a natureza, prestando-lhe atenção cheia de carinho e admiração (Cf. LS 96-100). Em Jesus se realiza o que Deus é para todos: *amor gratuito e perdão incondicional*.

Jesus Cristo é o ser humano sonhado, o ser humano que as religiões e as civilizações, sob as mais diversas formas, idealizaram. É o ser humano entrevisto pelos poetas e pelos místicos, o ser humano que o ser humano comum gostaria de ser, às vezes. Jesus Cristo responde a esse anelo e o transcende. É o homem novo num sentido incomparavelmente mais rico do que o homem ousa sonhar. Homem novo, dom gratuito do amor desconcertante de Deus. Homem novo, Jesus é início de nova humanidade. Nele as divisões e inimizades são superadas (Gl3,28). Primogênito da nova humanidade, Cristo ressuscitado estabelece a paz e a reconciliação (cf. Ef 2,16-18)².

¹QUEIRUGA, A. T. Deus para o ser humano e o ser humano para Deus. In: *Repensar a Cristologia*. S. Paulo: Paulinas, 1999, cap. 1º, p. 17-24.

² Cf. REY, B. A nova criação. S. Paulo, Paulinas, 1974, p. 174-190, citado por RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulus, p. 201 - 203.

De Jesus, seus discípulos nos deixaram um testemunho perene, mas quem mais do que Maria —Mãe e discípula— *viu, ouviu e tocou* Jesus? A Igreja reconhece nela a testemunha por excelência do Homem novo; a Mulher nova, figura exemplar da nova humanidade em Cristo.

4 MARIA, ROSTO DA NOVA HUMANIDADE EM CRISTO

Maria foi sendo tão revestida com mantos preciosíssimos pela piedade e elevada com prerrogativas exclusivas pela teologia, que seu rosto humano foi ficando encoberto. A reviravolta antropológica do Concílio Vaticano II nos fez redescobrir a figura evangélica de Maria, seu rosto de mulher de Nazaré, esposa amorosa de José e Mãe de Jesus; solidária com seu povo Israel e presença atuante na Igreja nascente. Nela emerge o ser pessoa, como ser de relação, de confiança e de liberdade³ no compromisso do amor.

a) Relação com Deus e com os irmãos e irmãs

Desde as primícias da Igreja, Maria aparece em sua entranhável relação com a Trindade: o Pai que envia seu Filho em seu ser de mulher; o Filho que em seu seio se formou, e o Espírito que a fecundou. O Concílio Vaticano II recolhe essa tradição proclamando-a: “Mãe do Filho de Deus, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo” (LG 53).

Em Maria, é o ser humano acolhendo na liberdade do amor a mais íntima e entranhável presença de Deus em nós; é o ser humano que inteiramente se entrega e vive *a partir de Deus*, (de sua Palavra) e *com Deus*. *A partir de Deus*, estão a fonte e o fundamento de seu ser, de suas opções, palavras e atitudes:

Maria era, por assim dizer, "em casa" na palavra de Deus, vivia da palavra de Deus, estava imbuída da palavra de Deus. Na medida em que falava com as palavras de Deus, pensava com as palavras de Deus, os seus pensamentos eram os pensamentos de Deus, as suas palavras as palavras de Deus. (Bento XVI, 15/08/2005).

Com Deus, “*O Senhor está com você*”(Lc 1,28). O Mistério de amor que nos sustenta e nos envolve *por detrás e pela frente* (cf. Sl 139), o *fundamento do ser* (Paul Tillich) é, ao mesmo tempo, presença de amor que nos acompanha e se faz diálogo. E o diálogo com Maria na passagem da anunciação é, neste sentido, exemplar. O “evento” de Nazaré, descrito por

³ Sobre Maria como “tipo antropológico”, cf. DE FIORES, S. Hacia La elaboración de una mariología popular en América Latina. In: MORILLA, J. M., SUÁREZ, F., GIRALDA, A. (Coord.). *Raíces marianas en Latinoamérica*. Bogotá: San Pablo, 2012. p. 27-47.

Lucas, é uma imagem luminosa da relação Deus - ser humano⁴. Deus, com ternura infinita, vem ao encontro de Maria; essa o escuta, reflete, pergunta... E com consciência amorosa se faz dom. Sua resposta não vem do medo nem de um voluntarismo superficial, mas de sua profunda liberdade, nutrida de absoluta confiança em Deus, Altíssimo, Poderoso e Misericordioso.

A partir dessa sua confiança no Senhor, Maria contrasta com os homens e mulheres, representados pelo mito do primeiro casal, que chegam a suspeitar da bondade de Deus. Rompida a confiança, raiz última do pecado, se instaura o projeto de fazer de si mesmos ídolos, implantando no mundo relações de inimizade e de domínio. Em Maria está a figura do novo ser em Cristo, nascido da confiança, que faz de si mesmo um *sim para a vida, para Deus e para o irmão. Com os irmãos e irmãs*, solidária com seu povo.

De Fiores, ao falar de “Maria paradigma antropológico”, ressalta que, no Novo Testamento, ela nos é apresentada antes de tudo no contexto do povo de Israel, na linhagem de mulheres mães que cumpriram uma missão junto ao povo de Deus. Nela, nada de intimismo e de fechamento em si, mas a alegria de uma vida compartilhada. Maria é designada em suas relações com as pessoas de seu ambiente, de sua família e de seu povo: os crentes hebreus e os familiares. Depois, prevalecem as ligações de fé que a tornam discípula do Filho e membro da comunidade primitiva de Jerusalém (At 1,14). Destaca-se, em especial, sua condição de Mãe de Jesus, uma maternidade aceita e vivida com responsabilidade. E se descobre a sua identidade teológica na maternidade em relação aos discípulos amados: “Esposa de José” (Mt 1,18.20.24); “Mãe de Jesus” ou “sua mãe” (Mt 12,46;13,55; Mc 3,31; Lc 8,20; Gv 2,1.3.5.12; 6,42;19,25); “Mãe do meu Senhor” (Lc 1,43); “Serva do Senhor” (Lc 1,38), “Eis a tua Mãe!” (cf.Gv 19,26). Isso significa que a pessoa de Maria se compreende sempre com *o outro*: José, Jesus, Isabel, o discípulo amado, o Senhor, o Espírito, o Altíssimo⁵.

b) Mulher da confiança e da liberdade

O ser relacional de Maria se fundamenta na confiança absoluta em Deus de bondade e misericórdia. O difícil caminho do Deus bíblico tem sido sempre ultrapassar o “*tremendum*”

⁴Ibid.

⁵ Cf. DE FIORES, S. “Maria paradigma antropológico”. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_cultr_doc_20021029_acd-vii_it.html#23>. Acesso em 29 ago 2017.

de nossas imagens, para se revelar unicamente “*fascinium*”. Puro amor e salvação, incapaz de abandonar (cf. Isaias, 49,15) e de castigar, porque é Deus e não homem (cf. Oséias 11,9). Em Jesus, essa revelação de Deus alcança seu ponto culminante. Diante dele, o *Aba* de Jesus, a única atitude que cabe ao ser humano é uma confiança absoluta: “não vos angustieis” (Mt6,25-35), “não tenhais medo” (Mt 10,26-33), nem “um cabelo” de nossa cabeça é esquecido em seu cuidado amoroso (cf. Mt 10,30; Lc 12,17).

Essa mesma confiança resplende em Maria, na sua alegria de se saber amada pelo Altíssimo, na sua liberdade de decidir e, em especial, em sua entrega sem reservas a Deus e ao seu plano de amor. O esquema da narração do anúncio a Maria corresponde mais, segundo vários estudiosos, a um esquema de vocação que ao anúncio de um nascimento prodigioso (Lc 1, 26-38). Nessa narrativa, emerge a pessoa da jovem nazarena chamada a se tornar Mãe do Messias, mediante um consenso de fé, rompendo preconceitos culturais semitas e gregos que consideravam a mulher incapaz de decidir em grandes questões. A página do anúncio a Maria evidencia seu envolvimento consciente e confiante na obra da encarnação⁶.

O *fiat* de Maria se expressa com o grego *ghenóito*, um optativo de desejo que não é uma simples aceitação e muito menos uma resignação. Ao contrário, é um desejo gozoso de colaborar com Deus⁷. Além disso, Lucas situa Maria entre os humildes e os pobres do Senhor que esperam e acolhem o Messias e, através do cântico do *Magnificat*, mostra que Maria de Nazaré, em sua entrega ao Senhor, é a mulher da alegria e da profecia. Ela, que se faz canto de louvor e gratidão, é aclamada *Manancial de alegria para os pequeninos* (EG 288). E, como mulher profética, “não duvidou em proclamar que Deus é o defensor dos humildes e dos oprimidos e derruba de seus tronos os poderosos do mundo” (MC 57).

CONCLUSÃO

Maria, a Mulher nova, é anúncio vivo da Palavra de Deus sobre o mundo e o ser humano. Ela nos diz que o mundo não é apenas palco de poderosos e prepotentes; é antes, lugar da esperança dos pequenos e humilhados, porque espaço da ação criadora e salvadora de Deus. Maria nos diz da alegria de uma vida compartilhada e da força transformadora do amor compassivo, o único caminho de um novo humanismo em que, “não de língua e de palavras senão de fatos e de verdade” (1Jo 3,18), desapareça toda divisão e toda exclusão. Um humanismo que traga, em todas as suas realizações concretas no cotidiano e na história, a

⁶Ibid.

⁷Ibid.

marca da fraternidade, da unidade fundante, inscrita na criação em Cristo Jesus (Gl 3,28), a criação por amor e para o amor.